

1865

*A Machado de Assis*

*Machado, dez anos mais velho que Nabuco, era escritor de nome feito quando Nabuco, aos quinze anos, publicou em folheto uma ode à Polônia, O Gigante da Polônia. No seu folhetim de crítica, no Diário do Rio de Janeiro, Machado escreveu algumas palavras de animação para « o jovem poeta que balbucia apenas ». O colegial agradeceu-os nesta carta de 1 de fevereiro de 1865. Mais tarde, em 1874, já amigos, uniram-se na fundação de um periódico brilhante, que só durou quatro números, A Época. Mais tarde ainda, já na República, encontraram-se diariamente à tarde para palestrar na Livraria Garnier, ponto de reunião dos intelectuais, depois na Revista Brasileira, e por fim na Academia de Letras, de que foram, com Lúcio de Mendonça, os principais fundadores. A Academia foi até ao fim o laço de união entre eles, firmando a amizade e admiração recíprocas. Ambos tinham-lhe carinho. Ocupam-se constantemente dela nas cartas que trocavam quando as missões diplomáticas afastaram Nabuco do Brasil por muitos anos. « Mas espero, escrevia Nabuco a Machado, voltar ainda antes da noite. E então os meus 60 futuros procurarão acompanhar os seus 70 futuros até o fim das respectivas casas. Oxalá! »*

*A Nabuco, quando escreveu estas palavras em 1908, restava pouco mais de um ano de vida. A Machado, semanas apenas. Em outubro de 1908, José Veríssimo escreve a Nabuco sobre a morte do amigo: « Na manhã do dia anterior, estando eu com êle no quartinho do pavimento térreo em que padeceu e faleceu, êle, sempre com a idéia da morte presente, disse-me:*

*« Veríssimo, você mande contar êste desfecho aos amigos que estão fora — e nomeou-o, ao Sr., em primeiro lugar. »*

Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1865.

Meu caro Senhor,

Tenho em vista o *Diário* de ontem. Na crônica « Ao Acaso » deparo com algumas linhas ao meu respeito, caídas de sua pena; li e reli o que sobre mim escreveu, e depois de meditar sobre estas

linhas decidi-me a aventurar sôbre elas as duas considerações que se seguem.

Não sou poeta. As minhas toscas composições, escritas nas minhas horas vagas, ainda não pretendem a tanto; o título pomposo de poeta, que, por extrema bondade e complacência, dignou-se-me aplicar, poderia, esmagando a minha nula valia, encher-me de um orgulho sem fundamento que me elevasse acima do que eu realmente sou, se porventura não tivesse a indestrutível convicção de que êle verdadeiramente me não pertence, e de que me foi aplicado por um poeta; que, talvez por simpatia ou por outro qualquer motivo, desejando estender-me a sua mão de apoio e de animação, me deu títulos superiores às qualidades que realmente eu possuo.

Escrevo versôs, é certo, porém êstes versos, sem cadência e sem harmonia, não podem elevar o seu autor à altura de poeta, se bem de inferior plano; agradeço portanto o título, que me não pertence. Aceitá-lo, ou tácitamente deixá-lo passar, seria pretender aquilo a que jamais poderei aspirar, seria encher-me de um falso orgulho, julgando meritório um título que só a benevolência e a complacência me poderiam conferir.

Esta é a primeira consideração que a leitura de suas linhas sugeriu em minha mente. De mais, cabe dizer-lho: de uma certa idade em diante pretendo me não mais aplicar à poesia. Nesta idade em que minha inteligência ainda não pode discutir sôbre o positivo e o exato deixo que a pena corra sôbre o papel e que minha acanhada imaginação se expanda nas linhas que ela compõe; mas quando as minhas faculdades, concentradas pelo estudo e pela meditação, se puderem aplicar ao positivo e ao exato, deixarei de queimar incenso às musas do Parnaso, para me ir alistar na fileira dos mais medíocres apóstolos do positivismo e das ciências exatas; é um protesto para cujo cumprimento peço a Deus força de vontade e firmeza de resolução. Entendo, meu caro poeta, que desde uma certa idade a nossa imaginação perde o seu vigor; as utopias e as fantasias que alimentam a imaginação dos poetas cessam desde que êle penetra numa vida cujas vicissitudes lhe demonstram o absurdo dos seus cálculos; e cujos caprichos e contrariedades são a perfeita antítese dos sonhos dourados de sua fantasia e dos prazeres, e das vigílias felizes, que, em seus cálculos de utopista e de poeta, êle um dia concebeu.

É por isso que por ora dou asas à minha imaginação, mas um dia virá, e êste dia talvez esteja perto, no qual me desligue completamente dêsse mundo de visionários, para ir tomar parte no grêmio daqueles que, mais chegados às realidades da vida, consideram êste mundo como êle realmente é. São estas as duas considerações que por ora julguei dever fazer às linhas a meu respeito.

Disponha do pouco préstimo daquele seu

Criado obrigado

JOAQUIM NABUCO